

Transcrição da Entrevista com Joelma Soares da Silva

[Início Lado A da Fita 1]

Layanna (L.) – *Querida que você dissesse um pouquinho como foi que você veio pro Rio de Janeiro... com que idade, por quê... você disse que morava em João Pessoa...*

Joelma (J.) – *É. Eu vim com 18 anos. Vim porque eu gostaria muito de conhecer o Rio de Janeiro. Aí o meu sonho era vir pra cá... aí com 18 eu vim direto, eu fugi de lá e vim pra cá pro Rio de Janeiro, escondida da família. Aí, to até hoje e não pretendo voltar pra lá não, de jeito nenhum, pretendo continuar aqui. Se Deus quiser.*

L. – *Mas você foi ficando, ficando...?*

J. – *É, fui ficando e não volto mais não. Volto só pra visitar, né. Pra morar eu não quero não, nem de graça.*

L. – *Por quê?*

J.- *Porque lá não tem recurso de vida, não tem trabalho pra você, você não tem como trabalhar... ah, tem dificuldade de trabalho e aqui tu tem mais possibilidade de trabalhar, entendeu? De arrumar um emprego... lá você não tem isso.*

L.- *Mas por quê você acha isso? Seu primeiro emprego você conseguiu lá?*

J.- *Foi. Trabalhei primeiro, o meu primeiro emprego foi como babá. Fiquei 7 anos trabalhando como babá, aí depois fui trabalhar em casa de família. Assim, fazer... normal né, cozinhar, lavar, passar... essas coisas todas. Aí quando eu vim pra cá eu continuei trabalhando em casa de família. E até 2004... agora né, fevereiro de 2004, eu saí lá da tua vó, e... agora to com isso aí, faço cachorro-quente, salgado. Mas eu pretendo arrumar um emprego pra mim, se Deus quiser. Continuar trabalhando.*

L. – *Mas que tipo de emprego?*

J. – *Ah, eu quero fazer, eu quero trabalhar em negócio de administração. Que eu fiz curso técnico de administração no SENAC, né... tenho curso de tele marketing... então eu quero trabalhar nesse setor aí.*

L. – *E você tem procurado?*

J. – *Tenho, tenho mandado currículo pra tudo quanto é lugar do Rio de Janeiro, né. Só tá difícil, porque as pessoas que tem, é... escolaridade superior já tá difícil, imagina eu só com segundo grau, num cursozinho técnico. É muito difícil, mas eu não desisto não.*

L. – *Mas, assim... por que você acha que tá difícil?*

J. – Ah, eu acho porque tá difícil pra todo mundo. Eu, eu acredito mais no, no... tá difícil pelo... pelo fato de eu não ter é... mais cultura, mais escolaridade, entendeu? Se, eu acho que se eu tivesse seria mais fácil. Só que... se Deus quiser quando eu começar a trabalhar eu vou fazer minha faculdade. E quero fazer Administração.

L. – *mas... começar a trabalhar nessa área?*

J. – Nessa área.

L. – *Esse trabalho que você realiza hoje, não dá pra você fazer...*

J. – Não... dá não. É muito pouco! Eu tiro, por mês, no... no negócio de salgado, eu tiro, 70, 80, 90 [Reais] por mês. Tá, com tudo pago, despesa toda paga. Pra mim, só sobra 70, 80, 90. Nunca passou disso desde que eu comecei. Entendeu? Então é difícil, porque minha ajuda também é as diárias que eu faço, aí sim, aí eu posso dizer pra você que é melhor, porque se eu tivesse de segunda a sexta ou de segunda a sábado diária, lógico que seria muito mais do que você trabalhar ... trabalha muito, porque você tem que fazer bem feito, né. E tudo que você fazer tem que fazer bem feito... então você trabalha muito pra pouco resultado... nos salgado. Agora nas diárias dava pra sair um dinheirinho. Mas... até agora só tenho 3. Que é o que me sustenta também, né. Vamos ver.

L. – *E você gosta?*

J. – Eu gosto! O que eu mais gosto é de trabalhar, eu... o que eu não gosto é de ficar parada. Seja lá fazendo o quê. Trabalhando com salgado, fazendo minha faxina, fazendo qualquer coisa. Meu negócio é não ficar parada, meu negócio é trabalhar.

L. – *E assim... você falou em faculdade. Por que é que você quer fazer faculdade?*

J. – Ah, porque eu tenho um sonho.

L. – *E qual é esse sonho?*

J. – De fazer faculdade. De trabalhar com Administração. Com Administração.

L. – *Então você faria faculdade...*

J. – É, de Administração. Eu queria Direito, né. O meu sonho na verdade seria fazer Direito. Mas aí, eu acho que o Direito tá muito defasado, é muita gente fazendo a merma coisa e você não tem taba... quantidade de trabalho pra você fazer Direito e ser logo é... empregado trabalhando nessa área. E Administração é mais difícil, que é um trabalho, é uma faculdade difícil, apesar de também ter muita gente formada nisso. Mas se, pelo meu sonho, se fosse pra realizar meu sonho eu faria Direito. Mas pro... pra ... pela dificuldade que eu vou ser obrigada a fazer Administração. Por causa do trabalho.

L. – Você no início falou da sua família. A sua família, que relação ela tem com isso? De você ter vindo pro Rio pra trabalhar?

J. – Ah, eu... assim, a minha família eu vim mais pra cá porque eu, eu quando tinha 6 meses de nascida eu fui abandonada pela minha mãe e pelo meu pai, né. Aí eu fiquei, aí eu cresci... quando as pessoas, quando eu tinha assim uns 7, 8 anos as pessoas falavam pra mim que 'ah, sua mãe não é fulana de tal', a minha tia que me criou, 'sua mãe é a outra'. Aí aquilo foi ficando na minha cabeça e eu me perguntava por que eu morava com outra pessoa se eu tinha a minha mãe. Aí a minha tia chegou e falou que a minha mãe tinha me deixado e ela que me criou... meu pai também... e, aí eu quis morar com a minha mãe. Aí eu fiquei dos 8 aos 9 anos com a minha mãe. Aí ela de novo me abandonou, foi embora lá e me deixou na casa da minha tia de novo. Aí quando foi com 12 anos eu voltei pra casa da minha mãe de novo, porque eu queria morar com a minha mãe. Aí eu vi que não era nada daquilo. Porque você tem um sonho, né? Que é sua mãe, poxa, é tua mãe. Aí o meu sonho era morar com ela definitivo. Aí eu fui e fugi da casa da minha tia pra casa da minha mãe. Aí vi que o sonho não era nada daquilo que eu pensava, que eu teria minha mãe, que eu teria meus irmãos por perto. Que não era filho do meu pai mas era meus irmãos, que era com outro senhor lá. Aí assim, quando eu vi que não era nada daquilo, aí eu comecei a correr atrás pra ir pra fora pra trabalhar. Aí eu comecei a trabalhar em João Pessoa mesmo, assim, que na verdade eu nasci no interior né. Eu fui pra cidade, comecei a trabalhar na cidade, aí fiquei. Dos 14, eu ia fazer 14 anos quando eu fui trabalhar, lá em João Pessoa, e quando eu fiz 18 anos eu vim pra cá. Dos 14 até hoje, eu continuo trabalhando assim. E assim, vim pra cá não sabia... a única coisa que eu sabia fazer era assinar meu nome, né. Aí eu encontrei uma família muito boa aqui, que me colocaram na escola, aí eu falava que eu já tava com 22 anos. Eu vim pra cá com 18, mas trabalhei dos 18 aos 22 em uma casa e nessa casa que eu fui que eu digo que é minha família hoje, eles falaram pra eu estudar. E eu falava que não, eu não vou estudar não, e eu já velha com 22 anos vou estudar? Vou aprender o quê? Não vai, vai... aí me forçaram aí eu fui pra escola. Agradeço até hoje por eles ter feito isso por mim, né. E moro com eles até hoje. E em 2001 eu terminei meu 2º Grau. Eu fiz duas séries em um ano, aí eu terminei. No caso, eu tinha que terminar em 2002. Mas como eu fiz 2 séries em um ano eu terminei em 2001. E sou feliz da vida. Em 2002 eu fiz um curso de computação e 2003 eu fiz técnico de administração no SENAC. Aí assim que... que saí do trabalho, da casa que eu trabalhava. Aí fui pra procurar um emprego, né. Só que é difícil pra caramba, eu não queria, assim: a casa que eu trabalhava eu gosto, eu gosto de todo mundo de lá, então assim, eu não queria. As pessoas diziam assim pra mim: "ah, você não tem que sair, você tem que continuar trabalhando na casa das pessoas e procurar um emprego, dessa pessoa que você tá trabalhando. Quando você arrumar, você chega pra eles e diz que você vai sair". Eu não achei justo. Porque vai que numa hora pra outra eu arrumo um emprego e chego pra ela e falo pra ela: "ah, eu to saindo porque eu arrumei um emprego". Não é justo. Então eu preferi sair sem procurar emprego, pra ter a oportunidade de procurar e ela não ficar com raiva de mim. Ninguém né, da família. Graças a Deus. Aí to procurando até hoje. Mas não to arrependida não. E apesar, aliás, eu não me arrependo de

nada que eu faço na minha vida, nada. Posso até me arrepender no futuro, mas agora eu não me arrependo não. Eu sou feliz fazendo aquilo que, né, a gente gosta. Quando a gente gosta de fazer as coisas... e eu gosto de trabalhar.

L. – Você gosta de trabalhar?

J. – Eu gosto. Muito.

L. – E da atividade que você faz?

J. – Eu também gosto. Não é assim... óóóh, gostar de. Eu gosto de trabalhar. Não gosto de ficar parada, mas assim, você nunca... você só tá satisfeita quando você faz aquilo que realmente te satisfaz. Você faz com vontade. Apesar de eu fazer tudo que eu faço eu faço com vontade, mas nunca é igual como você fazer aquilo que você quer né. Eu, eu, meu sonho sempre é fazer Administração e administrar alguma coisa, nem que seja meu. Apesar de eu ta com esse negócio de salgado, eu to administrando o que é meu, né. Mas isso é pequeno, eu quero uma coisa grande, não quero ficar naquele mundinho. Coisinha pouca, quero uma coisa ampla. Quero crescer.

L. – Você quer crescer... você disse que então antes você não ligava tanto pra aprendizado. Foi a família que te forçou... ?

J. – É. A família que eu encontrei aqui no Rio que foi que me colocou na escola. Eu não ligava, pra mim, apesar, a minha mãe falava assim pra mim, que o estudo não dava comida pra ninguém. Hoje eu entendo ela falar isso no sentido de, ela é ignorante, ela é do interior, não entende, entendeu? Porque se eu sei o que eu sei hoje, eu não tinha entrado na escola com 22 anos. Eu tinha entrado na escola quando eu tinha uns 10, 12 anos. Isso é a época de se aprender. Mas aí ela falava sempre que ah, o estudo não dá comida a ninguém, você tem que trabalhar na roça. Aí eu tinha que trabalhar na roça. Das vezes que eu quis realmente estudar, que eu ia pra escola, eu era obrigada a trabalhar no sol quente que era pra compensar a hora que eu fui pra escola. Aí eu não agüentava, eu preferi parar a escola e... aqui no Rio essa família me, fez com que eu entrasse na escola e fizesse o... estudasse até o fim.

L. – E hoje você acha isso melhor?

J. – Nossa, eu acho muito importante, maravilhoso. Se eu soubesse o que eu sei hoje jamais eu teria aberto a boca pra falar que ah, eu não vou estudar porque eu sou velha. Nunca é tarde pra você realizar seu sonho. Eu sou feliz. De ter terminado né, o meu 2º Grau. E não to mais feliz porque ainda tem a faculdade. Aí quando eu terminar eu acho que realmente eu vou, eu vou, eu vou ser completa. Mas vamos ver. Papai do céu é que sabe.

L. – E assim... você tá procurando emprego nessa área né? E você acha que quando você começou a trabalhar e hoje... o que você acha de arrumar trabalho?

J. – Quando eu comecei a trabalhar... você tá perguntando se era mais difícil ou se era mais fácil?

L. – *É, pra você, como você acha que era na época que você começou a trabalhar e hoje? Como você faria uma comparação?*

J. – Ah, eu acho que hoje está bem melhor. Porque hoje eu sei, hoje na época que eu comecei a trabalhar eu não sabia me expressar. Hoje eu sei me expressar. É, naquela época qualquer coisa pra mim jogava eu tava, né. As pessoas podiam até me enganar e ia ficar por isso mesmo. Quando eu fiquei 7 anos trabalhando de babá, mas quantas vezes eu fui passada pra trás. Eu não recebia salário. Eu recebia um vestidinho, um chinelozinho, e tá, e achava que tava bom. Hoje se eu receber isso eu vou brigar, discutir, que eu quero os meus direitos, eu tenho direito. Então, naquela época era difícil. Agora não, agora pra mim é fácil. Até de correr atrás, entendeu. Que você chegar, conversar. Antigamente não sabia nada disso. O que a pessoa determinasse pra mim eu estaria fazendo. Agora não, agora eu corro atrás e... não é bom, não vou. Me interessa, eu vou, entendeu? Agora eu sei dizer o que eu quero da época que eu não sabia. Pegava o que vinha na minha frente.

L. – *E o que você quer?*

J. – Quero crescer. Quero ser grande [risos]. Não é grande no tamanho não, é grande em aprender mais, cada vez mais. É muito bom a gente saber. Aprender as coisas. É importante pra vida da gente. Não querer, não querer crescer, aprender mais pra pisar nos outros não. Pra aprender porque eu quero aprender mesmo. Eu acho importante você correr atrás daquilo que você realmente quer. Eu quero sempre trabalhar pro melhor pra mim e pra minha família. Apesar de tudo a minha família tá em primeiro lugar. Qualquer coisa, a minha família. Depois, a gente pensa no resto.

L. – *Que família que você diz que quer o melhor?*

J. – Minha mãe verdadeira, meus irmãos, meus cunhados. Que eu quero o melhor, o que eu puder fazer por eles. Apesar... meu pai, que eu não conheço meu pai, tá? Eu tô com 34 anos até hoje não conheço meu pai. Também eu tinha sonho de conhecer ele, muito, muito, muito, eu sonhava em conhecer meu pai, agora eu sonho em não querer conhecer. Porque não quero. Ele não faz a menor falta pra mim. Antigamente eu achava que fazia, Ah, porque todo mundo tem pai e eu não tenho. Aí eu fui ficando mais madura e vi que isso não é o mais importante, se ele quisesse realmente conhecer a filha ele também corria atrás, né. E ele não correu, então pra mim não vai fazer diferença nenhuma. Nem os netos dele, que ele tem 3 netos. A minha irmã já ligou pra ele pra ele vim conhecer, que eu tenho uma irmã que é filha dele também, pra ele conhecer os netos dele que a gente mandava o dinheiro pra ele vim e ele não quis vir. Quer dizer, se ele não quer conhecer os netos, ele não vai fazer questão de conhecer a filha também. Ele me viu eu tinha o quê, um ano e pouco. Eu não vou lembrar dele nunca, né. Mas ele não faz esforço pra

conhecer os filhos, né, os netos. Também não sou eu que vai fazer esforço em ir atrás dele. Se tiver, se for da vontade de Deus um dia a gente se encontra.

L. – Ms as pessoas da sua família você ainda tem contato, eles estão na Paraíba?

J. – Não, todo mundo, minha família inteira ta todo mundo morando em Goiás. Vieram em 2002 e estão morando em Goiás até hoje. A minha mãe foi quem voltou pra Paraíba no ano passado, mas ela voltará pra Goiás novamente. Ela só foi lá pra ver se ela consegue a aposentadoria dela. Rural, né, que ela trabalhava na roça muito tempo. Aí ela ta tentando, quando ela terminar ela volta pra lá. E agora minha família lá em Goiás as coisas melhoraram 95%, porque lá onde eles moravam tinha dia que eles não tinha nem o que comer, né. Agora há pouco tempo, em 2001, 2002 que eles vieram pra cá. E agora ta todo mundo trabalhando, meu cunhado, meu irmão, que eu tenho um irmão homem, né, por parte do outro rapaz lá. E assim, todo mundo ta trabalhando e a possibilidade deles arrumarem emprego lá é muito maior do que eles morando lá naquele mundo velho que a gente morava, que eu morava.

L. – E você ajuda sua família?

J. – Ajudo. Quando eu posso, até, até a época que eu tava empregada eu não deixei um mês de mandar dinheiro pra minha mãe. Eu trabalhava, recebia, a primeira, o primeiro dinheiro que eu tirava era o dela. Pra mandar pra ela. Eu sabia que ela necessitava do dinheiro, apesar do meu irmão trabalhar, do cunhado ajudar, mas sempre uma ajudinha a mais vai bem, né. Eu sempre ajudei. Nunca porque ela me abandonou, eu nunca tive assim, ah, não vou mandar porque ela me abandonou, não teve trabalho nenhum comigo então não vou ajudar. Eu nunca pensei assim, eu pensei sempre que ela, que ela merece porque querendo ou não é minha mãe. Eu vou, a gente sempre fala que nossa mãe, nosso pai a gente nunca vai dizer ex-pai e ex-mãe, né. É sempre pai, mãe. E você nunca vai dizer ex. Então eu sempre pensei que o melhor da vida era ajudar ela, sempre ajudei. Não tô ajudando agora porque não tô podendo, mas se Deus quiser, quando eu começar a trabalhar de verdade eu vou ajudar ela.

L. – Por que “trabalhar de verdade”?

J. – De verdade que eu digo num emprego fixo, com carteira assinada, entendeu? Que eu trabalho, eu trabalho, eu to pagando meu INPS. Mas só que eu não tenho carteira assinada apesar de eu ta pagando, porque eu sei que eu to pagando porque eu quero no futuro me aposentar, se eu chegar até lá. Mas assim, nunca é igual você quer. Eu quero trabalhar com carteira assinada, quero... sei lá, eu gosto, quero, assim, sempre gostei das coisas certinhas, não é eu... eu não acho certo eu trabalhar igual eu to trabalhando desesperada e no fim do mês o dinheiro que eu recebo só da pra pagar INPS, clínica, porque eu pago uma clínica particular, porque vou ser dependente de INSS pra saúde você morre na fila. Então pelo menos uma coisa assim você tem que ter. Então é pouco, entendeu? Eu não quero rios de dinheiro não, eu quero um salário normal, um salário mínimo que eu tenha que dizer assim, po, fim do mês eu

vou receber, é meu, é certo que eu vou receber. Eu do jeito que eu to trabalhando nesse negócio de salgado... um dia dá, um dia não dá... então no fim do mês eu nunca vou poder contar com aquilo. É sempre uma incerteza pra mim. E um trabalho fixo não, eu vou ter certeza que todo mês eu vou receber. Entendeu? É isso que eu quero. Que eu digo trabalho de verdade.

L. – Então assim, nas suas palavras... você tinha um trabalho de verdade mas você largou porque você quis largar e agora você quer trabalho de verdade de novo?

J. – É. É, um traba... é. Assim, só não quero, não gostaria de voltar pra casa de família não, tá. A minha vida inteira foi trabalhando em casa de família, sendo babá... então eu não gostaria que isso acontecesse. Mas se realmente não tiver jeito, a minha solução é correr de novo. Mas eu vou fazer de tudo enquanto eu puder, não volto. Enquanto eu tiver me segurando com as minhas coisas eu não volto pra casa de família.

L. – Mas você considerava melhor a casa de família?

J. – Não, eu, não... oh, eu gostava de trabalhar em casa de família. Mas assim... ah, é bom? Não, não é bom. Porque ninguém vem dizer pra mim que trabalhar em casa de família é bom, num é. Eu trabalhava porque não tinha outra opção. Eu era uma analfabeta, não sabia ler, não sabia escrever. Eu ia trabalhar em quê? Eu tinha que arrumar um emprego, e foi, a minha saída foi casa de família. Mas eu não to desmerecendo a casa de família, é um trabalho digno. A partir do momento que você não tá roubando, não tá matando, você está trabalhando, tudo é digno. Até varrer a calçada, lavar a rua pra mim é digno. Só digo assim, se você pode melhorar, você não tem que viver, na minha opinião, lá no mesmo lugar, entendeu? Se você pode crescer, você tem que sair desse lugar e ir pra esse, porque você sabe que aqui você vai conseguir mais alguma coisa. E se você vê que esse aqui não é aquilo que você quer, você vai subindo mais um pouquinho. Até você chegar onde realmente você quer. Que é ter seu sonho, seu trabalho, sua faculdade. Se quiser mais alguma coisa corre atrás. É assim, não to desmerecendo. Trabalhei, sou muito feliz por isso... os anos que eu tenho de carteira assinada é tudo casa de família. Então, eu não posso reclamar disso. Mas se eu posso melhorar eu vou correr atrás pra melhorar.

L. – Mas você ganhava mais na casa de família e mesmo assim você largou ou não?

J. – Não. Do que eu to fazendo agora, juntando com as diárias que eu faço, eu ganho mais um pouquinho do que eu ganhava em casa de família. Mas assim, o que a gente deixa, principalmente trabalhando muito tempo numa casa de família... eu fiquei 10 anos, eu fiquei de, de 1994 a 2004 numa casa de família, então a gente acaba pegando amizade com as pessoas da casa. É como se fosse a nossa família, ou melhor né. Até porque a nossa família a gente briga, discute. E nosso patrão, nossa patroa, é raro quando a gente discute, tem, entendeu? Então eu acho no sentido disso aí que a gente pega muito amor às pessoas, então na hora de largar é difícil. Eu lembro que, que, quando eu saí

dessa casa que eu trabalhei, eu não me despedi do meu patrão porque a filha dele não deixou e nem a esposa dele, porque achava que, num sei o que elas acharam. E quando eu cheguei em casa, o meu ex-patrão falou assim, “mas por que que você fez isso? Você não fez nada de errado. Você saiu, você conversou com a dona da casa, conversou coma filha, conversou tudo direitinho. Então você não tinha motivo de sair da casa deles sem falar com seu patrão”. Aí eu falei, ah, mas a filha e a mãe não deixaram. Não sei, num sei o que ela pensaram. Acharam que ele não ia entender, apesar de eu... que ele sempre falava assim “ah, você só vai sair da minha casa quando sair casada”. Então eu achei que elas colocaram isso na cabeça, que ele ia ficar chateado. Mas eu acho que ele não ficou chateado não, porque eu já encontrei com ele no Intercontinental [supermercado], falei com ele. Ele perguntou se eu tava boazinha, Então eu acho que não ficou. Delas eu sei que não ficou não, pelo menos da filha eu tenho certeza que foi uma pessoa que era que menos eu esperava, da filha dela, que eu conversei com a filha dela, porque eu sempre pensei assim, a minha patroa é a dona da casa. Mas quem me pagava era a filha, então eu sempre pensei assim, quando eu for falar eu tenho que falar com a filha. Que é a filha que me paga, então ela que tem que saber tudo pra depois passar pra mãe dela, se ela quiser. Aí quando eu fui pra falar com ela eu cheguei falei com a filha dela, e disse pra ela porque que eu tava saindo. Nossa Senhora, eu não esperava, nunca esperei o jeito dela me tratar que eu tinha, eu podia ir, que eu tinha direito de melhorar. Então eu fiquei realmente assim, besta. Eu achei que ela ia ficar chateada. Po, tantos anos aqui né? Num demos motivo nenhum pra ela sair e ela ta saindo. Mas não, ela me deu maior força. E isso foi muito bom. É sinal que eu não sou tão ruim assim, né?

L. – Você largou e ta, mas assim... você ta feliz?

J. – To. Muito feliz, graças a Deus, muito, muito mesmo. Não me arrependo, já repeti isso, não me arrependo de ter saído entendeu? De jeito maneira. Aliás, não me arrependo de nada que eu fiz na vida. Então não me arrependo, to fazendo minhas coisinhas, to ganhando meu dinheiro. Eu to feliz com isso. Não era o que eu queria, mas já que não tem outra coisa a gente faz isso, mas eu to bem. Então... então eu vou continuar né. Por enquanto, enquanto eu não tiver um emprego fixo eu vou continuar nos meus... não gostaria de voltar pra casa de família.

L. – E que tipo de emprego fixo você gostaria de ter? Em termos práticos...

J. – Ah, assim... é, trabalhar em, em... qualquer coisa que fosse pra administrar. Entendeu? Assim, uma loja que viesse... apesar que eu não vou chegar hoje trabalhando numa loja e chegar direto pra administração. Lógico que eu vou ter que passar por um processo de, de vendedora, sei lá de que, até eu chegar onde eu quero, é muita pretensão minha querer, num tenho, num tenho, é, assim não tenho carteira assinada, assim, trabalhando, não tenho uma profissão. Entendeu? Não tenho profissão nenhuma, não tenho... eu não entendo nada de nada. Pra eu começar a trabalhar agora, eu preciso aprender

pra depois eu continuar. Se for pra vendedora eu tenho que aprender a vender, se for [fim do Lado A da Fita 1].

[início Lado B da Fita 1]

L. – Você tava falando que...

J. – Assim, que até hoje a única coisa que eu sei fazer trabalhando é trabalhar em casa de família. Então não tenho... tem uma palavra que se fala. Num é... meu Deus, não é conhecimento... é tipo, eu sou uma pessoa que necessito do primeiro emprego. Num tem o jovem que precisa do primeiro emprego? Eu sou a velha que precisa do primeiro emprego, eu não tenho, esqueci a palavra, não tenho, eu tenho que ir do começo mesmo, é como se eu fosse começar do zero pra chegar onde eu quero. Então, isso também é que ta me dificultando a vida. Porque eu não tenho... experiência! De trabalho... chegou na palavra que eu queria. Não tenho experiência. Então se eu não tenho experiência fica mais difícil ainda pra mim. Que normalmente quando você tem experiência, você é chamado. Eu quantas vezes botei um monte de currículo fui chamada prum monte de entrevista mas num fui chamada pra trabalhar! É o que eu falei pro rapaz... ah, você tem experiência... não, se o senhor num me der, sabe quando eu vou ter? Nunca. Porque cada um que me entrevista pergunta se eu tenho experiência. Não? Então não serve. Mas se ninguém me der experiência como é que eu vou ter? Nunca, não vou ter nunca. Vou viver eternamente o você tem experiência? Não! Ninguém me dá a oportunidade pra eu ter experiência. Aí eu acho que isso é que ta dificultando a minha vida. De arrumar um emprego, entendeu? É isso que ta... ta difícil. Mas eu não desisto.

L. – Então você acredita que a gente consegue pela prática?

J. – Acredito. A gente chega lá.

L. – Mas então por que tanto valor ao estudo assim?

J. – Porque também faz parte né? Também faz parte, se você... porque o nosso mundo ele ta evoluindo, se você... igual eu, eu terminei o 2º Grau. Se eu parei aqui, quanta coisa num já passou na minha frente? E eu não sei? Porque, porque eu não corri atrás pra aprender. Não tive oportunidade de correr atrás pra aprender. Então, se eu parar no 2º Grau, o mundo vai me engolir. Quanta gente vai passar por cima de mim pra chegar onde eu quero chegar. Não vou chegar nunca. Porque o mundo ta evoluindo você tem que evoluir junto. Aprendendo, aprendendo, aprendendo. Então eu acho que o estudo é o melhor pra mim, não tem outra coisa que faça com que você... é... aprenda, tem que estudar, estudar, estudar. E continuar. Eu fiz Administração. Aí eu terminei aqui na Administração, no técnico em Administração? Não. Eu tenho que daqui, se eu quiser mais alguma coisa, tem que fazer uma faculdade. Terminei a faculdade, ah, mas só isso? Não, aí Administração vai ficar escasso. Pó, aí eu vou, vou fazer Administração vou ficar só na Administração? Não. Fica escasso e eu vou viver nessa vida? Eternamente só na Administração? Tem que

terminar isso e continuar outra coisa. Entendeu? Isso que eu penso. Você tem que ta sempre, sempre aprendendo.

L. – E a prática?

J. – Ajuda também. Se alguém me der oportunidade de praticar, né? Que também não vou viver eternamente estudando e não tenho prática de nada, também num vai adiantar, é difícil. É muito difícil. Mas a gente vai chegar lá, se Deus quiser.

L. – E como você se sente correndo assim, tanto atrás de estudo e ninguém te dando oportunidade?

J. – As vezes, as vezes eu até penso em desistir, né. Ah, chega, não vou mais, vou arrumar aí 2, 3 faxinas por semana e vou viver eternamente disso porque eu corro atrás e ninguém me da oportunidade. Mas e aí se todo mundo pensar assim? A gente vai ter um país de, de sempre de quinta categoria, as pessoas que sempre pensam no povo, vai viver daquilo eternamente? Então as vezes eu quero desistir, mas aí eu falo, não, não posso desistir, eu tenho que correr atrás. Um dia eu vou conseguir. Como é que eu vou ficar velhinha tentando e não vou conseguir? Eu vou conseguir. Eu sou muito otimista nas coisas que eu quero. Então eu acho que eu vou conseguir, né. Alias, eu acho não, eu tenho certeza. A gente não deve achar as coisas, a gente deve ter certeza que vai conseguir, e eu vou conseguir.

L. – E por que você acha que não te dão oportunidade? O que você acha disso?

J. – Eu acho exatamente pelo fato de experiência. Entendeu, porque o que adianta você chegar numa loja hoje, aí você pega você vai pro emprego, o cara te faz a entrevista “você tem experiência”? Não. Aí ele vai dizer “eu vou botar uma pessoa dessa na minha loja pra quê, fazer o quê?”. Você vê no jornal, basta você pegar o jornal, você lê o jornal, você diz assim, você lê assim ah, quero uma pessoa que tenha o 2º grau completo, que saiba mais de uma língua, e que saiba fazer isso, isso e isso e com três meses de experiência ou três anos de experiência. É o que mais você vê no jornal. E é uma coisinha assim, pouquinho. Teve um emprego que eu fui ver e o cara pediu eu, com 2º grau, tinha que saber inglês. Vai me matar, é difícil que o senhor não vai conseguir, vai ser difícil conseguir, ah mas consegue. Aí, além da... da língua estrangeira, você ainda tem, você ainda tem que... que ter experiência. Aí eles pedem, pedem experiência de 6 meses, de 3 meses, de 1 ano, de 3 anos. Você tem que ter experiência, mas ninguém te dá experiência, tu vai ter como? Eu acho que pra mim é difícil por isso, o fato de experiência. Que é mole, mas pó, até pra gari... pra, teve uma entrevista no jornal, uma entrevista, um emprego no jornal que tava assim “precisa de faxineira com 2º Grau”. Ela vai só varrer, gente! Pra que que ela vai querer 2º Grau se ela vai só varrer, se ela não vai nem falar! Mas eles pedem 2º Grau. Eu falei, agora você vê, aí é que vai ficar mais difícil ainda porque a faculdade é o olho da cara. Nas pública tem filhinho de papai que entra que não fazem menor esforço. Chega lá e tem fulano que dá aula lá dentro e “entra”. Quer dizer, ta tirando a vaga de uma

pessoa que não tem condição de pagar. Aí tem agora a cota dos negro né, que acabou de de escangalhar de vez e que eu sou contra. E o que eu digo é assim, você tem que ser capaz de fazer por você. Agora você bota uma cota pra negro e 20% das vagas é pra negro. Po, o que que o negro tem que eu não tenho? Ele não é deficiente, ele tem capacidade do mesmo jeito que eu tenho, ele pode estudar... só porque ele é de cor? Eu vou me pintar e vou fazer a prova e vou querer uma vaga. É difícil, mas ta difícil, eu vou conseguir, eu não vou desistir. Nem de... de trabalhar, nem de fazer faculdade, não vou desistir de nenhum dos dois.

L. – Mesmo exigindo experiência?

J. – Mesmo exigindo experiência. Vai ter um, um... um cristo, um santo ai, que vai me dar essa oportunidade. Vai ter um aí de bom coração que vai tocar ele e ele vai “eu vou dar oportunidade pra ela”. Eu sei que vai, mesmo sem experiência. Não é possível, é muito, muito, muita empresa, muita fábrica que pede... pede experiência, num é possível que alguém não dê uma oportunidade. Vai dar, gente, vai ter que dar. E eu corro atrás disso.

L. – Por que que você acha que ta tão difícil assim?

J. – eu acho que, óh, as vezes as pessoas falam assim, ah porque o governo não dá oportunidade. Realmente, o governo tinha que trabalhar mais pra gente ter oportunidade de emprego né, de fazer várias coisas, que eu acho que nosso Brasil ele não tinha que ser o 5º ou 6º, sei lá em que ranking ele tá dos piores. O Brasil ele tinha que ser o 1º do mundo, porque capacidade é produtividade e o nosso Brasil tem. Tudo que se planta no nosso Brasil, dá. Então, assim, é, o governo ele não procura, é... incentivar, entendeu? Incentivar no sentido de ah, vamos fazer fá... vamos construir fábricas, vamos dar oportunidade pra, pra, pra fazer tudo no nosso país, pra não precisar de buscar lá fora. Tinha que tirar daqui pra fora e não tirar de fora pra dentro. Porque é pra gente crescer, a gente tinha que pensar nesse sentido. Mas também o governo não dá oportunidade de fazer mais, mais fabricas, mais trabalho, mais... mais um monte de coisa que tinha que ser feita no Brasil e não faz.

L. – Você diz uma dificuldade por parte....

J. – Do... dos governos, né.

L. – Por que você acha isso?

J. – ah, porque eu acho que eles entram lá só pra tirar o nosso dinheiro. Do... dos mais fracos é o que eles mais tiram. Eles não entram lá na intenção de, de melhorar o país, eles entram lá com a intenção de viver o resto da vida bem, com a família deles, com os filhos deles. Eles pensam nesse sentido, eles não pensam no sentido de ajudar o povo brasileiro. Porque um, um Brasil onde o... o senador ele tem, sai de Brasília na 5ª-feira, vem embora pro Rio de Janeiro fica 5ª, 6ª, sábado, domingo, 2ª feira à noite é que ele viaja pra ir pro Congresso. Aí chega no Congresso ele trabalha, 3ª, 4ª, 5ª feira ele ta de volta e

tudo grátis, tudo por conta do povo, porque quem paga somos nós. Eles não têm dificuldade nenhuma é... num sei quantos mil, é 3 mil pra paletó, é 2 mil e pouco pra telefone, é casa é de graça lá. Então, tudo isso dificulta o nosso emprego.

L. – E o que você acha que tinha ser feito pra melhorar então a situação do emprego, do trabalho no país?

J. – Eles entrarem com, com mais sinceridade no governo e realmente arregaçar as mangas e dizer “eu vô fazer, eu quero ver o Brasil bem, eu quero ver o povo trabalhando, não quero ver o povo morrer de fome, eu quero ver trabalho”. Isso é o que eles tinham que fazer. E não pensar só em encher a barriga deles e, e botar os filhinhos pra ir estudar nos Estados Unidos e deixar o povo morrer de fome.

L. – Você acha que eles deviam se importar mais com o trabalho?

J. – Com certeza. Que aí a gente não teria dificuldade de trabalhar e seria bom também pro Brasil né, porque crescia. É um crescimento pro Brasil. Quando você produz, você ta crescendo, então você ta produzindo, você ta crescendo seu país. Então eu acho que eles não pensam nesse sentido, entendeu? Eles não pensam em “ah vamos fazer coisas pra melhorar o nosso país e aí dá emprego pro nosso povo, a gente não ter dificuldade da fome”, mas eles não pensam nisso não. Basta ver o cartão aí, o Cartão Cidadão, que foi um roubo danado lá dentro que eles mesmo lá dentro eles tiram dos mais pobres. Ah, não dá não. Eu num... eu antigamente acreditava muito que o Brasil tinha... Ah, não, o Brasil vai melhorar, se Deus quiser a gente ainda vai ter, a gente vai ser os melhores do mundo. É ruim, hein! Do jeito que ta aí vai ser é pior. Eles num melhora nada, só piora.

L. – Então, você se considera uma trabalhadora. O que é pra você ser uma trabalhadora?

J. – Eu posso me considerar. Trabalhar, né? É correr atrás do, do, do... do seu pão de cada dia, você tem que correr atrás de, se você mesmo que você, igual eu, mesmo que eu não esteja empregada de carteira assinada, eu, eu, eu necessito de viver. Então, se eu tenho que viver, eu tenho que trabalhar. Eu não tenho quem me dê nada. Eu tenho que correr atrás seja lá fazendo o quê pra eu ter meu dinheiro. Pouco mas é meu né? Então eu me considero sim, trabalhadora.

L. – E qual o sentido disso pra você?

J. – o sentido eu acho o seguinte, você chegar no fim do mês e ter a certeza de você não deve, você recebeu seja lá quanto você recebeu, você não deve nada pra ninguém, você deita a cabeça no teu travesseiro e dorme tranqüila, porque você sabe que nada você deve e... e pedir saúde e continuar em frente.

L. – Ah, então vamos ficando por aqui, você ta cansadinha.

J. – É, hoje foi dia de faxina né! [risos]. [fim da Fita 1, Lado B] [Fim entrevista].